

SITE SUBLIME

Ana Andreiolo



Devo a conjunção de Júpiter e Urano o inusitado acontecimento do ano de 1983. O encontro planetário inquietava o céu e relampejava mentes. Foi em uma tarde de domingo que uma mulher analfabeta, nascida e criada num pequeno distrito escondido no Estado do Rio de Janeiro, escreveu a próprio punho pela primeira vez, onze anos após o suicídio de seu sobrinho, uma psicografia com a mensagem do falecido.

Inesperadamente empunhada de lápis e papel, enquanto o apito do vapor da panela de pressão anunciava o aroma da feijoada que adentrava a sala, testemunhas oculares acompanhavam o acontecimento sobrenatural que atuava sobre esta mulher, até então, iletrada.

A senhora psicógrafa escreveu, apesar da inexperiência e sem conhecimentos prévios, para além da linguagem verbal, a manifestação de uma dimensão espiritual através do corpo.

Gestos de aspectos aparentemente conscientes como as linhas verticais, horizontais, curvas, oblíquas, obtusas e agudas que formam as palavras, dialogavam com o inconsciente do gesto espontâneo de uma mulher que desconhecia o alfabeto.

O ritualístico materializava formas primordiais: da ilegitimidade e invisibilidade à legibilidade da palavra. Contudo, para além do significado, fez-se a importância do gesto.

Acontecia ali a emancipação da estreiteza do pensamento governado pela razão. A desrazão daquela mulher dissolvia, num momento epifânico, a cultura agráfa na qual ela estava inserida, denunciando, a todos que a contemplavam, seu abafamento e inferiorização

cultural. Evidenciava, à luz alaranjada do pôr do sol que refletia por toda sala, seu mundo, até então, ilegível. Escreveu, como formalizado por André Breton, o teórico do manifesto surrealista, uma escrita automática: o mais rápido possível, sem controle da razão, sem preocupação estética ou moral, sem consistência gramatical, num estado transitório e misterioso que reside entre o adormecer e o acordar, soltando seu inconsciente.

A mão que trabalha livremente a escrita mágica, corre deliberadamente sobre a superfície, traçando formas produzidas num estado de distração e tornam as sensações visíveis.

No acontecimento, entre o objeto-carta e sua escritora, algo se tornou experiência e fenômeno, a observação da relação e reação articulada entre todas as coisas, corpos e pessoas presentes e existentes naquele momento. .

A escrita no papel se tornou reflexo dessa experiência, coincidência da ação da carne e do espírito, mas visivelmente separável da coisa em si e da psicógrafa, passível de um processo de investigação e tentativa de decodificação do enigma como uma maneira de fissurar e de enxergar mundos ocultos.

Ler um mundo oculto requisita abandonar a palavra que descreve o mundo visível. A carta é alguma coisa mais que as palavras. Existe algo que a palavra não diz, mas está lá. É preciso silenciá-la, calar a razão. Nesta operação de silenciamento reverso do racional do texto, este algo outro, um outro mundo silenciado, aparece.

Trata-se, na prática, de ampliar a palavra, através da técnica de ampliação computadorizada, até que seu desfoque aconteça e se dê a aparição de uma outra forma, transmutada de sua significação para fazer esse algo outro visível.

Aproximar-se tanto das formas das hastes e curvas de suas letras até abandoná-la. O processo acontece ao esticá-la ao máximo, até que seus nítidos traços se tornem disformes e se esvazie de forma e conceito - falar da palavra sem ela.

A busca pela experiência do fenômeno vem pela turbidez das palavras da carta, descoladas de sentido, através do abandono da nitidez do traço que transmuta em mancha. A magia da mancha é a sua aparição. Assim, palavra formal e mancha disforme coabitam o mesmo sistema: as linhas nítidas de cada letra e os borrões espectrais foram produzidos pelo mesmo gesto.

Trazer mais pra perto é tornar maior, alargar, é borrar. Fazer surgir do contorno nítido das letras, manchas dispersas e amorfas que se articulam e que se assemelham a coisa e a coisa nenhuma. Ver manchas de cor, sensações tonais e outras visibilidades para o antes invisível. Manchar a letra e turvar a visão, dissolve o sistema da razão para o inconsciente se expressar.

Então, sublimar a mancha. Fazê-la transpassar de um estado a outro, transferí-la a quente, pelo calor, torná-la vapor. Neste novo estado de existência a mancha sorratamente penetra na trama de um tecido, como um Santo Sudário, e ganha escala humana.

O fenômeno de sublimação faz da mancha uma aparição fantasmagórica, revelada por impregnação vaporosa em nova superfície, translúcida e esvoaçante. Depois, posta em nova ambientação estabelece outras relações. O ambiente expositivo decorre de uma outra iluminação, outras paredes e uma porta de entrada, por onde bate o vento que sopra o *voil* sublimado, assim como soprou as cortinas do evento, porém sendo outro.

Os corpos dos espectadores que se aproximam e se distanciam, ora leem, ora sentem, ora ambos. Na aproximação de seus corpos ao tecido sublimado vão de encontro a mancha, ao

fantasma que aguça suas percepções, similar ao processo de ampliação. No distanciamento, retracionam ao racional e à legibilidade da palavra. O ajustamento do olhar em um corpo caminhante que viaja pelo espaço físico, desfoca em aproximação e ganha foco em passos de afastamento. Ao se deslocar em uma média de 14 a 15 metros de distância do tecido sublimado, o observador verá a palavra similar ao tamanho original em que está na carta. Esta distância pode transcender a capacidade do espaço físico, pode não caber no ambiente expositivo e ele precisa se imaginar para além dali, em outro lugar, onde ele não pode estar. Como em uma experiência de percepção projetiva, onde se percebe estar fora do próprio corpo, tentando alcançar essa dimensão extrafísica distante.

O caminhar que se junta gradativamente ao tecido desfaz o traço. Perder-se do contorno tênue da forma como quem se perde da razão. Perder-se da razão nubla o pensamento. Chegar até a mancha é também fenômeno.

Desta aproximação surge o fantasmático mundo daquela mulher. A matéria que forma a palavra, transferida de uma superfície a outra, de um estado físico a outro, sublimada, em pano de fundo do evento enigmático e paranormal. A mancha sublima é uma aparição que manifesta o vivo, apresentada através do rubor, do calor de sua transferência. É algo que surge em dada superfície.

Na poética do sublime é exaltado o supremo, a mensagem ultraterrena, que transita do contorno lúcido ao fantástico magistral de um outro mundo e os traços apenas definem o indefinível.

Até aqui, vagueou-se da desincorporação do definido e incorporação do indefinível, feito aquela mão rugosa que, de repente encerrou sua escrita, largou o lápis e se deu conta do corpo sentado na poltrona de couro verde na sala e assim retornou.

Retornamos, então, à superfície plana e texturizada do papel. **Site Sublime** é um rolo de papel vegetal, dobrado e sanfonado, com os resíduos de aproximadamente 50 passos numa tentativa de aproximação ou distanciamento, totalizando os 1480 centímetros condensados.

O virar das folhas sanfonadas simula um espaço conceitual, como dobras dimensionais de um espaço plano que não consegue ter fisicalidade para existir no ambiente expositivo. O passar das páginas são como os passos de deslocamento que o observador precisaria caminhar para se distanciar do tecido sublimado. Desaproximando-se da mancha, até alcançar novamente a legibilidade da palavra, dispersando a névoa da mente e sujeito à razão.